

Reação chilena é enérgica, mas calma

SANTIAGO – O governo chileno reagiu com severa energia à decisão do ministro britânico Jack Straw de permitir a abertura do processo de extradição do ex-ditador Augusto Pinochet – mas não perdeu a calma. Rechaçou a intervenção de um “tribunal de país-estrangeiro” nos assuntos chilenos, chamou de volta seu embaixador em Londres, Mario Artaza, e convocou para amanhã reunião extraordinária – a terceira desde a prisão de Pinochet – do Conselho de Segurança Nacional. As ruas se mantiveram tranquilas até a noite, e a Bolsa de Santiago fechou em baixa, mas de apenas 1,79%, com negócios no valor de US\$ 8,7 milhões. Na terça-feira, quando o mercado e o mundo ignoravam a decisão britânica, o resultado foi pior: apenas US\$ 3,69 milhões – o nível mais baixo do ano.

“O governo usará de todos os meios possíveis para reverter esta situação e trazer de volta o senador”, disse o ministro da Justiça, Raúl Troncoso, lendo declaração em nome do presidente Eduardo Frei, no Rio para a cúpula do Mercosul. “Nenhum tribunal de país estrangeiro pode julgar um compatriota por delitos cometidos em nosso território”, acrescentou.

Risco – Troncoso recordou que este é um processo que poderá estender-se por longo tempo, e conclamou os partidários de Pinochet à calma. “A situação é delicada, e chamamos todos os setores da sociedade a manterem a tranquilidade e a responsabilidade”, disse. “Reações emocionais podem pôr em risco aquilo que hoje a história nos obriga a resguardar: a estabilidade e a defesa da soberania.”

O Exército, entretanto, declarou-se “sob comoção” – em nota de seis pontos lida por seu porta-voz, coronel Alfredo Ewing – “pela certeza de que se trata de uma decisão abusiva, humilhante e inconsequente”. A nota diz que o governo fracassou em suas gestões para resgatar o general e acusa os chilenos que depuseram contra Pinochet, dentro e fora do Chile, como responsáveis por este fracasso.

A declaração refere-se aos parlamentares socialistas que viajaram a Londres para pressionar o governo britânico contra o ex-ditador e que depois enviaram carta a Straw afirmando que o ex-ditador jamais seria julgado no Chile. “Nos, os chilenos, somos atualmente vítimas de um processo no qual se consolida uma transgressão da soberania nacional”, queixa-se o Exército.

O ministro da Defesa, o civil José Florencio Guzmán, disse apenas que não haverá problemas no Exército. A Marinha mostrou-se mais magoadada que revoltada: manifestou que a decisão de Straw “confirma o desprezo do governo britânico pelos princípios sustentados e defendidos pelo supremo governo do Chile sobre a territorialidade da lei e a imunidade de diplomatas”. Para a Marinha, “estas considerações causam dor, por partir de quem se considerava um amigo; e indignação, pela injustiça e a forma planejada de sua execução”.

Antes de voar para Santiago, o embaixador Artaza informou em Londres que não há prazo para sua estada no Chile, e que ainda é cedo para falar sobre os rumos das relações bilaterais. Mas não parecia aborrecido: sorriu muito para os fotógrafos e brincou sobre sua pressa em embarcar.

Espanha e EUA – Em Madri, o porta-voz do governo espanhol, Josep Piqué, disse que a posição da Espanha continua a mesma: não politizar o assunto, de âmbito “estritamente judicial”.

Em Washington, o porta-voz adjunto do Departamento de Estado, James Foley, disse que os Estados Unidos querem colaborar “construtivamente” com o processo. “Por isso, continuaremos revisando e divulgando documentos sobre o caso Pinochet.” Foley reiterou a preocupação com a democracia chilena. “Os Estados Unidos acreditam nos princípios da responsabilidade e da justiça, e isso pressupõe respeito pelo processo de transição chileno para a democracia. E também pelas decisões do povo chileno”, disse.